



**BÓLIDE-CAMA 1 E VOCÊ NÃO É ARTISTA #06:  
DIÁLOGOS ENTRES ARTISTAS DISSONANTES**

**“BÓLIDE-CAMA 1” AND “VOCÊ NÃO É ARTISTA #06”:  
DIALOGUES BETWEEN DISSONANT ARTISTS**

Christian Gustavo de Sousa<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indique com sim ou não**

Associado/a/e ANPAP: sim

**RESUMO**

O artigo apresenta a construção da obra *Você Não é Artista #06* a partir de um convite para participar da exposição *Me Chame de Hélio*, realizada no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, em 2025. A proposta da exposição era que cada artista criasse uma obra que dialogasse com um dos Bóldes do Hélio Oiticica. Após análise das obras, escolho o *Bólido-cama 1*, de 1968, para construir este diálogo. Este texto está dividido em 4 blocos, pelos quais vou costurando os Bóldes com a minha própria pesquisa em torno das artes das sexualidades e como, junto com os pensamentos de Oiticica sobre Programa Ambiental e Antiarte, fui estabelecendo paralelos com o meu conceito de Pornossexualigrafia.

**Palavras-Chave:** Bóldes. Hélio Oiticica. Cama. Exposição. Pornossexualigrafia.

**ABSTRACT**

*The article discusses the creation of the piece "Você Não é Artista #06" (You Are Not an Artist), which was inspired by an invitation to participate in the exhibition "Me Chame de Hélio," held at the Hélio Oiticica Municipal Arts Center in 2025. The exhibition aimed to have each artist create a piece that engaged in dialogue with one of Hélio Oiticica's Bóldes. After analyzing the pieces, I selected Bólido-cama 1 from 1968 to establish this dialogue. This text is divided into four sections, in which I connect the Bóldes with my research on the arts of sexualities. I establish parallels between my concept of Pornosexualigraphy and Oiticica's thoughts on the Environmental Program and Anti-art.*

**KEYWORDS:** Bóldes; Hélio Oiticica; Bed; Exhibition; Pornosexualigraphy.

**O Convite**

O presente texto surge da minha participação na exposição coletiva *Me chame de Hélio*, que foi realizada no período de 15 de março a 05 de abril de 2025, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (CMA HO), na cidade do Rio de Janeiro (Imagem 1)



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

a partir de um convite realizado pela minha orientadora do doutorado, professora doutora Isabel Almeida Carneiro (PPGArtes/UERJ) e do coletivo *Práticas artísticas e experiências cotidianas*, do qual fazemos parte.



Imagem 1. Card de divulgação da exposição Me chame de Hélio. Rio de Janeiro/RJ, 2025. Digital, 1080 px X 1080 px. Design: Gabriel Rufino.

No projeto da exposição enviado ao CMA HO estava escrito:

Proposta de criação coletiva em diálogo com os bólides BOL021 B21 Bólide Vidro 9 - BOL34 B34 Bólide Bacia 1 - BOL006 B6 Bólide Caixa 6 - BOL25 Bólide Caixa 14 - B57 Bólide cama 1, na Galeria 7. A ideia é que os objetos em diálogo com os bólides possam ser colocados em circulação alterando e reconfigurando-se junto ao gesto e a participação do público. (Projeto Exposição, p. 2, 2024).

De forma que o eixo da exposição foi estabelecer um diálogo entre a nossa própria construção artística e os Bólides do Hélio Oiticica. Nas páginas vindouras, trarei os caminhos que percorri até chegar na construção da obra *Você não é Artista #06* (Imagem 2), em 4 blocos: [1] Programa Ambiental e os Bólides de Oiticica; [2] A série *Você Não é Artista*; [3] A cama e a construção da obra; e [4] a exposição. Nestes,



tecerei as formas como fui costurando os Bólides com a minha própria pesquisa em torno das artes das sexualidades (e/ou as sexualidades nas artes); como, junto com os pensamentos de Oiticica sobre Antiarte, fui estabelecendo paralelos com o meu conceito de Pornossexualigrafia (de Sousa, 2022). Siga-me!



Imagem 2. Registro da obra *Você não é artista #06*, na exposição *Me chame de Hélio*, no CMA Hélio Oiticica. Chris, The Red. Rio de Janeiro/RJ, 2025. Foto: Chris, The Red.

## **Programa Ambiental, Antiarte e os Bólides de Oiticica**

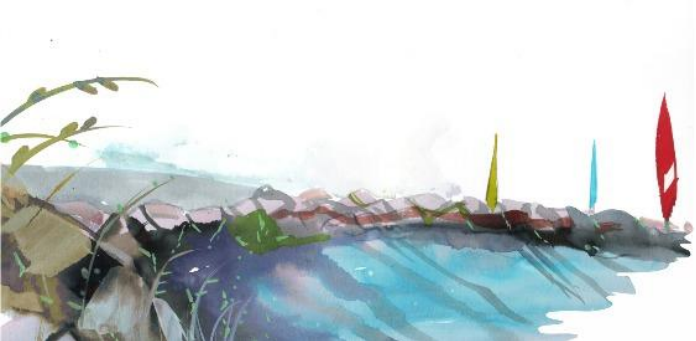
Naquele momento do convite, tinha algum conhecimento sobre os Bólides de Oiticica, já tinha visto alguns em exposições diversas, mas não de forma profunda para escolher um deles e pensar um diálogo artístico. De forma que foi necessário realizar



uma imersão em sua obra e, neste sentido, três textos foram essenciais para este aprofundamento no seu mundo bolidiano: *Aspiro ao Grande Labirinto* (1986), de Hélio Oiticica; e as duas versões do texto de Angela Varela *Os Bólides do Programa Ambiental de Hélio Oiticica* (2009 e 2011)<sup>2</sup>. O primeiro me trouxe o conhecimento conceitual em torno do pensamento do artista no que tange o Programa Ambiental e o que ele chama de Antiarte. Os outros dois textos, me trouxe uma gama de informações sobre a série de Bólides uma vez que Angela, em sua pesquisa, faz um amplo mapeamento e análise da série, o que contribuiu imensamente na escolha do Bólide com o qual estabeleceria meu diálogo.

Minhas primeiras impressões a respeito de Oiticica foi de que era um artista dissonante à sua época. Em chaves de leitura atuais, um artista dissidente aos ditames dos sistemas de arte e ter acesso a uma parte do seu pensamento teórico-conceitual foi essencial para pensar e estabelecer diálogos com o meu próprio. Ainda que ele não traga diretamente em suas obras, a sexualidade, a materialidade da sexualidade como faço em minhas práticas artísticas, encontro em sua escrita uma importante aproximação com a forma como desenvolvo meu pensamento crítico das sexualidades no campo das artes e na construção do conceito da Pornossexualigrafia que tenho trabalhado desde o mestrado no propósito não apenas de pensar o campo teórico das artes, mas provocar reflexões sobre as sexualidades na arte para além do discurso de erótico *versus* pornográfico<sup>3</sup>, para além do que é arte. Em *Aspiro ao Grande Labirinto* (AGL), ele traz que:

Não existe pois o problema de saber se arte é *isto* ou *aquilo* ou deixa de ser – não há definição do que seja *arte*. Na minha experiência tenho um programa e já iniciei o que chamo de "apropriações": acho um "objeto" ou "conjunto-objeto" formado de partes ou não, e dele tomo posse como algo que possui para mim um significado qualquer, isto é, transformo-o em obra: uma lata contendo óleo, ao qual é posto fogo (uma pira rudimentar, se o quisermos): declaro-a obra, dela tomo posse: para mim adquiriu o objeto uma estrutura autônoma – acho nele algo fixo, um significado que quero expor à participação; esta obra vai adquirir depois *n* significados que se acrescentam, que se somam pela participação geral – essa compreensão da maleabilidade significativa de cada obra e que cancela a pretensão de querer dar à mesma premissas de diversas ordens: morais, estéticas etc. A característica fundamental da criação artística é que impera como algo fixo, inalienável: a própria criação dada pelo ato de criar e sua



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

consequência ao realizar-se: propor uma atitude também criadora. Só isto basta para definir o propósito e justificar a razão de ser de tais proposições. (Oiticica, 1986, 77-78).

De forma que minhas obras, ou como prefiro chamá-las, minhas putarias artísticas<sup>4</sup> não podem e nem devem ser limitadas às premissas do tipo *morais, estéticas etc.* A minha produção artística parte de conexões. Por si só, em seu próprio ato de criação, ela já é um coletivo, uma vez que as pessoas presentes nelas, e mesmo o “espectador”, não são mais um ser passivo na obra. Nem as pessoas que estão presentes em minhas putarias são meros objetos de desejo ou de pesquisa nem as pessoas que depois se relacionam com elas são meros espectadores. Em *AGL*, Hélio escreve o seguinte ao “definir” o que seria uma Antiarte:

Antiarte - compreensão e razão de ser o artista não mais como um criador para a contemplação mas como um motivador para a criação – a *criação* como tal se completa pela participação dinâmica do “espectador”, agora considerado “participador”. Antiarte seria uma contemplação da necessidade coletiva de uma atividade criadora latente, que seria motivada de um determinado modo pelo artista: ficam portanto invalidadas as posições metafísica, intelectualista e esteticista - não há a proposição de um “elevar o espectador a um nível de criação”, a uma “metarrealidade”, ou de impor-lhe uma “idéia” ou um “padrão estético” correspondentes àqueles conceitos de arte, mas de dar-lhe uma simples oportunidade de participação para que ele “ache” aí algo que queira realizar – é pois uma “realização criativa” o que propõe o artista, realização esta isenta de premissas morais, intelectuais ou estéticas – a antiarte está isenta disto – é uma simples posição do homem nele mesmo e nas suas possibilidades criativas vitais. (Oiticica, 1986, 77).

Em minha dissertação do mestrado, afirmo que:

No âmbito dessa Jornada-Mestrado, as corpas falantes tornam-se **Sujeitas de [r]e[s][x]istência** da/na minha pesquisa. Excluo definitivamente do meu vocabulário o termo “objeto de pesquisa”. As histórias a serem contadas não partem de um estudo de objetos, mas de conexões entre seres que fizeram uma escolha por dizer “NÃO”. (...) Toda a potência desta pesquisa se perderia se as pessoas fossem reduzidas a simplesmente “objetos de discurso e não sujeitos de conhecimento” (Jefferson CAMPOS; Guilherme Araújo SILVA; Bruno Barra DA SILVA, 2020, p. 28). Aqui, os saberes são múltiplos e oriundos de espaços diversos: da rua, do afeto, da cama, do gozo, da universidade, do bate-papo, do cu, da liberdade de ser. São os ~~“saberes-com” e não os “saberes-sobre”~~ (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019, p. 36), ou seja, o que busco é a construção de saberes com as sujeitas de [r]e[s][x]istência da/na minha pesquisa,



não observá-les como meros instrumentos para a construção de um resultado de um mestrado. O velho sistema observador/ser observado não cabe aqui. As construções poéticas não se resumem a obras artísticas. (De Sousa, 2022, 35-36).

Quando Oiticica traz o artista não como criador para contemplação, mas um motivador para a criação, é sobre isto que desejo quando penso em minhas putarias artísticas. As pessoas presentes nelas, assim como eu mesmo somos motivantes mútuos, somos sujeitas de nossas próprias escolhas. As putarias artísticas são “necessidade coletiva de uma atividade criadora latente” (Oiticica, 1986, 77). E é diante desta latente realidade cada vez mais conservadora que estamos vivendo não apenas no Brasil, mas no mundo que a mera contemplação vai perdendo seu sentido, por isto quero provocar uma ação que tire o “espectador” deste papel passivo e se torne uma pessoa participante e este entendimento foi essencial não apenas para a escolha do Bólide mas para a obra que criaria.

Antes de partir para os Bólides em si, gostaria de trazer alguns outros pontos que julgo importante e que estão relacionados ao que Oiticica nomeia como Programa Ambiental (PA). Um primeiro, e ainda no escopo do que mencionava nos parágrafos anteriores sobre o “espectador”, diz respeito ao que ele chama de “estrutura perceptivo-criativa” do sujeito, no qual Hélio busca meios de estabelecer relações do sujeito com o mundo ambiental, seja pelos Parangolés, Bólides ou outras estruturas. No intuito de aguçar muito mais do que a contemplação, mas os sentidos, as percepções. Somente quando o sujeito transpassa de espectador para participante é que ele tem uma “vivência-total Parangolé” (Oiticica, 1986, 72). E neste sentido é que o mundo ambiental é parte central neste processo. Em um dos trechos do AGL, Oiticica expõe que:

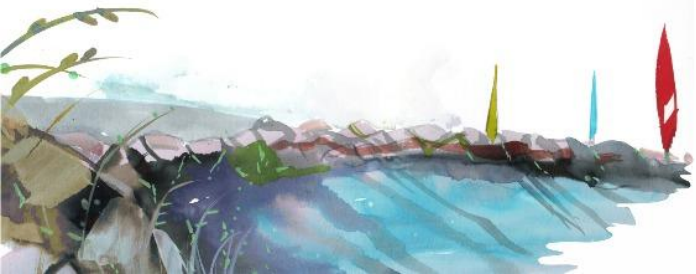
A posição com referência a uma "ambientação" e à conseqüente derrubada de todas as antigas modalidades de expressão: pintura-quadro, escultura etc., propõe uma manifestação total, íntegra, do artista nas suas criações, que poderiam ser proposições para a participação do espectador. Ambiental é para mim a reunião indivisível de todas as modalidades em posse do artista ao criar – as já conhecidas: cor, palavra, luz, ação, construção etc., e as que a cada momento surgem na ânsia inventiva do mesmo ou do próprio participador ao tomar contato com a obra (...) Há uma tal liberdade de meios, que o próprio ato de não criar já conta como uma manifestação



criadora. Surge aí uma necessidade ética de outra ordem de manifestação, que inclui também dentro da ambiental, já que os seus meios se realizam através da palavra, escrita ou falada e mais complexamente do discurso: é a manifestação social: incluindo aí fundamentalmente uma posição ética (assim como uma política) que se resume em manifestações do comportamento individual. (Oiticica, 1986, 78).

Sobre o PA, Angela escreve que “o ambiental é uma visão ampliada do artístico que faz uso irrestrito de meios e linguagens e tem ampla abertura às possibilidades participativas do sujeito” (Loeb, 2011, p. 57). Estes dois trechos se conectam muito ao que penso sobre as artes pornossexualigráficas e quando realizo minhas *Instalações Pornossexualigráficas* (desde 2022), onde tomo para mim *n* possibilidades para não apenas criar, mas me conectar com as pessoas. Não é apenas questões de cores, formas, palavras ou técnicas – fotografia, vídeos, performances etc. – é todo um conjunto de caminhos que podem se cruzar de infinitas maneiras e se desdobrarem. Obras como *Diltopias & Contranome: Chris* (2020), *Corpos em Quarentena* (2020-2022), *La Lito* (2021-2022), as *Aulas Pornossexualigráficas* (2025-presente), entre outras e, desde 2023, a série *Você Não é Artista* que trarei no próximo bloco são construções artísticas minhas que surgem neste desejo de pensar minha poética artística para além do alcance de um objeto artístico como resultado, mas que seja uma experiência artística ou como gosto de pensar, uma experiência pornossexualigráfica<sup>5</sup>.

Dito isto, adentro-me no mundo dos Bólides e a pesquisa de Angela foi essencial, pois me trouxe um mapa geral das obras de Oiticica, principalmente, diante do curto prazo que tinha para desenvolver meu trabalho para exposição. De forma que a dissertação de mestrado da Angela foi uma fonte rica para eu conhecer este conjunto de obras uma vez que ela fez um estudo aprofundado no vasto acervo do *Arquivo HO* (AHO) e do *Programa HO* (PHO), inclusive, com a imagem da Lista de Bólides (Imagem 3).



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

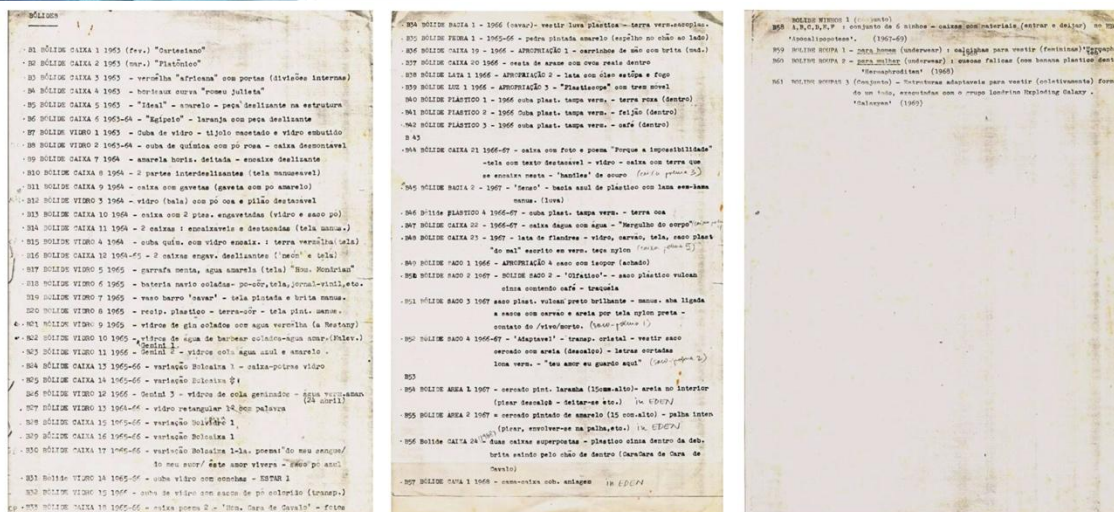


Imagem 3. Documento datilografado de Hélio Oiticica. “Lista de Bólides. (AHO, doc . n.º. 1505, p. 1, 2 e 3). Foto: Angela Varela.

Sobre os Bólides, quero trazer dois trechos da pesquisadora que julgo importantes para uma melhor contextualização. Primeiro:

Ao todo, de 1963 a 1980, incluindo o Para-bólide e os Contrabólides, ocorrem aproximadamente setenta inscrições denominadas Bólides. Até 1965 são realizados em torno de trinta peças entre Bólides-caixa e Bólides-vidro e, de 1966 em diante, acrescido da experiência das Manifestações Ambientais e da conceituação dos termos “apropriação” e “antiarte”, o Bólide passa a se desdobrar em diversas outras espécies, como Bólide-bacia, Bólide-pedra, Bólide-lata. Em idos de 1967 surgem, relacionados com o “suprasensorial”, o Bólide-saco e o Bólide-cama, os quais, juntos, sinalizam a passagem, dentro dessa ordem propositiva, de uma vivência compatível com a escala da mão para outras cujas dimensões podem envolver todo o corpo. Em 1969, define-se o conceito de “crelazer” na produção do artista e, entre os Bólides, surge o Bólide-ninhos, que reúne seis células-ninhos na configuração do *Éden*, parte da *Whitechapel Experience*. Já em 1978, Oiticica planeja o Para-bólide e realiza o *Contrabólide Devolver a terra à terra* e o *Contra-bólide A tua na minha*, num exercício radical de metacriação dessa ordem propositiva. (Loeb, 2011, 51).

Segundo:

Os Bólides foram classificados com números e subdivisões referentes ao tipo de material utilizado. O primeiro algarismo sinaliza a sequência geral, o segundo diferencia os Bólides da mesma espécie. Assim, por exemplo, a peça em homenagem a Piet Mondrian, sendo a décima sétima na lista dos Bólides e a quinta na lista dos Bólides-vidro, é



nomeada *B17 Bólide-vidro 5 "Homenagem a Mondrian"*. (Loeb, 2011, 52).

Destes dois trechos, podemos perceber a imensidão que foi a série de Bóldes, assim como as diversas materialidades que o artista trouxe nos mais de 15 anos de produção, inclusive, na dimensão física das peças, sofrendo ampliações que envolvem todo o corpo ou vários corpos e ainda ambientes, ao invés de um objeto, nos quais o sujeito possa experienciar, vivenciar a obra e não mais contemplar, ser participante (Varela, 2009). É o caso, por exemplo, do *Bólide 57 Bólide-cama 1* (Imagem 4), de 1968 e que escolhi para estabelecer o meu diálogo. O *Bólide-cama 1* mede cerca de 60 cm de altura, 80 cm de largura e 170 cm de comprimento. De forma que pode ser ocupado por um corpo deitado na parte interna. Ele é composto de madeira coberta com juta e possui, em seu interior, um colchão.



Imagem 4. *Bólide 57 Bólide-cama 1*. Hélio Oiticica, 1968. Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro/RJ. Fotos: Chris, The Red, 2024.

A escolha do *Bólide-cama 1* se faz por dois motivos principais: a relação da cama com a temática da sexualidade que conversa diretamente com a minha pesquisa e o que Oiticica traz como suprasensorial. Sobre este último, Varela aponta que ele, a partir dos Bóldes que compõe a *Trilogia do suprasensorial*<sup>6</sup>, busca provocar a ampliação dos sentidos para além do exercício do intelecto no intuito de alcançar um estado criador e de liberdade interior que “só com o envolvimento do corpo todo tornam-se possíveis a instauração de novas e verdadeiras formas de se relacionar com o mundo e a superação de estruturas de poder culturalmente arraigadas” (Varela, 2009, 96).



Em minhas putarias artísticas e construções da experiência pornossexualigráfica, afirmo que as artes pornossexualigráficas “não são apenas resistências às estruturas engessadas” (de Sousa, 2022, 240), mas tal como provoca Oiticica neste âmbito do suprasensorial, elas “são fugas a contrapelo em busca de outros olhares, para si, para nossos desejos, para as nossas conexões e para a livre prática de uma arte da sexualidade desobediente às normas erotizantes” (de Sousa, 2022, 240). E a cama é um espaço, em minhas poéticas, desta construção de sentidos, percepções, de conexão com o próprio ser, corpo, desejo, com a própria sexualidade de forma que a escolha do *Bólido-cama 1*<sup>7</sup> acabou por se tornar um encontro perfeito com a série *Você não é artista* que trago no próximo bloco.

## **A Série *Você Não é Artista***

A série *Você Não é Artista* (VNéA)<sup>8</sup> surge no final do meu mestrado como uma resposta a uma violência sofrida nos primeiros meses da minha pesquisa quando me foi dito por uma docente do PPG que eu não era artista por conta da temática da minha pesquisa. Esta mesma pessoa tentou de várias formas barrar a minha pesquisa e sugeriu que eu alterasse para outro tema. Foram 6 longos meses de assédio moral e abuso de autoridade que culminaram em adoecimento físico e mental<sup>9</sup>. Mas nada como uma solicitação de troca de orientação não resolvesse, né? A série VNéA é sobre dizer *Não* para violências que, por muitas vezes, já foram normalizadas nos CIS-temas e é justamente por este motivo que escolho realizar o diálogo com o *Bólido-cama 1* a partir desta série.

A temática da sexualidade nas artes tem sido um espaço de julgamentos, censuras e violências e é justamente neste campo que decidi trilhar meu caminho teórico e prático artístico por entender ser ele uma ferramenta de superar e romper com as estruturas hegemônicas. VNéA vai se construindo a cada nova obra. Tal como os Bólides formam sequências numéricas, ela tem utilizado-se desta sequência numérica como uma forma de me fazer refletir sobre os caminhos construídos e que rumos poderia seguir. Tal como os Bólides que navegam por diferentes materialidades e percepções, assim tenho buscado em VNéA. De forma sucinta, trago nos parágrafos seguintes o caminho trilhado até chegar a *Você Não é Artista #06*.



A obra que abre a série é uma fotografia de 60x200cm, na qual estou em tamanho real, desnudo e com a frase-título pintada em meu peito na cor vermelha e foi criada especialmente para minha exposição *VERMELHO[-RED] acessos, excessos e putarias artísticas transbordantes* (2022)<sup>10</sup> que aconteceu no Instituto de Artes/UFRGS (Imagem 5). Colocar esta obra neste espaço foi também uma resposta àquela pessoa que disse que eu não pertencia àquele lugar<sup>11</sup>.

De *Você Não é Artista #02* a *Você Não é Artista #05*, vou experimentando a frase-título não apenas pintada em diferentes partes do meu corpo, como também em outras materialidades como bulas de remédio e bordadas em fotografias. Desde 2023, tenho desenvolvido uma série de monotípias de porra sobre as bulas, receitas e exames médicos que fizeram parte do meu processo de cura por conta do adoecimento que citei antes. Estas monotípias ainda se encontram em processo de construção e estão resultando no livro de artista *Você Não é Artista*<sup>12</sup>.



Imagem 5. Registro da obra *Você Não é Artista #01*, na exposição *VERMELHO[-RED] acessos, excessos e putarias artísticas transbordantes*. Chris, The Red. Curadoria de Elton Panamby. Porto Alegre/RS, 2022. Foto: Chris, The Red.



As proposições de Oiticica sobre Antiarte, PA, suprasensorial, a relação artista-participador que trouxe no bloco anterior foram essenciais para pensar uma nova obra para VNÉA e estabelecer este diálogo a partir de um ponto em comum: a cama.

### **A Cama e a Construção da Obra**

A cama é um objeto constante em minhas práticas artísticas. Na realidade, ela deixa de ser um mero elemento para se tornar “ser vivo”. Ela tem estado presente em várias de minhas práticas artísticas, mas foi em *La Lito* (2021-2022) que ela assumiu o protagonismo e surge o que denomino de Cama Pornossexualigráfica<sup>13</sup>.

La Lito significa “cama” em Esperanto e trazer este elemento da cama para a construção poética de La Lito é uma busca por assimilar os diversos significados que uma cama pode assumir, não apenas o do repouso ou da prática da sexualidade, (...). A cama em La Lito surge como um sinônimo de conexão. Conexão de corpos e corpos, de subjetividades plurais e gozos e performatividades múltiplas. (...) La Lito não é uma linguagem de fotografia, nem de vídeo, de performance, ou vídeo performance, nem de happening. Nenhuma destas linguagens individualmente alcançaria classificá-la. Para tal, a entendo como uma instalação pornossexualigráfica. (Sousa, 2023, n/p).

A cama pornossexualigráfica é um espaço aberto a múltiplas conexões. As pessoas que nela estiveram trouxeram suas vivências, sexualidades. Contaram histórias. Habitaram. E como Oiticica escreve: “habitar um recinto é mais do que estar nele, é crescer com ele, é dar significado à casca-ovo” (1986, 120) e, como o *Bólido-cama 1*, *La Lito* também é um “recinto aberto a múltiplas significações” (Varela, 2009, 102). E foi com esta mesma proposta em mente que trago mais uma vez a cama. Desta vez, a cama surge no formato de um futon colchonete. Opto por este modelo de cama pela praticidade de poder transitar com a obra por diferentes espaços. Algo que com uma cama “tradicional” seria mais complicado. Além disso, o futon atende a ideia de ser um espaço que a pessoa pode deitar, sentar, interagir de alguma forma. Escolho o vermelho tanto para o futon quanto para a fronha por ser uma cor diretamente relacionada comigo – afinal, a cor é o meu nome – e também estar diretamente relacionada com o desejo, a sexualidade. Para bordar a frase, utilizo o fio de juta e aqui, faço uma conexão material com o tecido de juta que cobre o *Bólido-cama 1*. Apesar da escolha do fio de juta como mais um elo entre a minha obra e a de Oiticica,



o material não foi o mais apropriado para bordar, pois ele desfia muito fácil e exigia uma maior atenção com a agulha (Imagem 6).



Imagem 6. Registro do ato de bordar da obra *Você Não é Artista #06*. Fotos: Chris, The Red, 2025.

## A Exposição

Em 15 de março de 2025, *Você Não é Artista #06* (VNéA#06) conquista seu espaço na exposição ao lado do *Bólide-cama 1* (Imagem 7). O diálogo não é apenas conceitual e material, é espacial também. E como no *Bólide-cama 1* que a pessoa participante pode entrar e permanecer à vontade, VNéA#06 é também um convite a participar da maneira que desejar (Imagem 8 e Imagem 9). Aqui, retomo Angela: “a ambiência do Bólide-cama quer despertar uma vivência desinibidora (suprasensorial), colocar todos os sentidos em simultaneidade, numa síntese com o ambiente” (2009, 102). Da mesma forma, VNéA#06 quer que a pessoa a habite, mas não como uma imposição. Tais como em minhas práticas artísticas, nas quais as conexões só acontecem quando a pessoa sai do papel de “espectador ou modelo” para o de participante ativo de uma forma consensual não condicionada.



Hélio Oiticica, no catálogo da exposição no *Whitechapel Gallery*, escreve:

Este processo de “despertar” é do “suprasensorial”: o participante é retirado do seu campo habitual e deslocado para um outro, desconhecido, que desperta sensações internas e lhe dá consciência de alguma região do seu ego, onde valores verdadeiros se afirmam. Se isto não se dá, é porque a participação não aconteceu. (Oiticica, 1969)<sup>14</sup>.



Imagem 7. Registro das obras *Você Não é Artista #06* (Chris, The Red) e *Bólido-cama 1* (Hélio Oiticica), na exposição *Me Chame de Hélio*, Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica. Rio de Janeiro/RJ, 2025. Foto: Ana Carolina Martins, 2025.

E fico feliz que houve sim este processo junto a VNéA#06. Seja pelas pessoas que a habitaram fisicamente, mas também pelas que a fizeram pela palavra, com suas próprias reflexões sobre a obra e sobre a frase bordada. Como aconteceu com o curador, crítico de arte e jornalista Oscar Dambrosio que, por meio de um vídeo da obra postado em seu perfil de Instagram<sup>15</sup> disse:

Talvez você só se considere artista no momento em que você olhe esta obra, onde nós temos este local para descansar, mas está bordado: você não é artista. O artista talvez seja aquele que não descansa jamais porque mesmo quando ele está descansando ele



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

está a produzir. Mesmo quando ele está descansando, a mente dele continua criando, pensando, conceituando a realidade e buscando soluções técnicas. Ser artista, talvez, seja este movimento permanente em que não há o descanso, mas há um processo permanente de pensar, de olhar, de interpretar o mundo. Se você se deita aqui, talvez você não seja artista. Muito a discutir. (Dambrosio 2025).



Imagem 8. Registro do artista Chris, The Red habitando as obras Bólide-cama 1 (à esquerda) e Você Não é Artista #06 (à direita). Fotos: Bruno Novadvorski. 2025.



Imagem 9. Registro do artista Bruno Novadvorski habitando as obras *Bólido-cama 1* (à esquerda) e *Você Não é Artista #06* (à direita). Fotos: Chris, The Red. 2025.

Acredito que por mais que a série VNéA tenha surgido como uma resposta a uma violência a mim e à minha prática artística, o que surge a partir dela está desvinculado de mim enquanto artista e nem está condicionada a uma maneira única de participar. O que conjuga com Angela ao escrever que se reforça nas obras de Oitica – e tomo também para as minhas, inclusive, em VNéA#06 – “o caráter imprevisível e plural da participação” (2009, 103) e que “se destinam a operar uma desnormatização do comportamento condicionado, variável em cada um e não precogitada pelo artista” (Varela, 2009, 103). Assim, fico feliz em finalizar este texto com uma imagem-colagem de várias pessoas que habitaram *Você Não é Artista #06* (Imagem 10).



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 10. Registros de várias pessoas habitando *Você Não é Artista #06*. Da esquerda para direita (superior): Solange, Cláudio, Gabriel. (inferior): Luiz Cláudio, Ana Caroline, Bruno e Zulmirene. Fotos: Chris, The Red, 2025.

## Referências

DAMBROSIO, Oscar. Postagem no perfil @oscardambrosioinsta do Instagram, no dia 03 de abril de 2025. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DH-ntZCuKF5/?igsh=MWh3dXlxNHVhenhkaA==>. Acesso em 15 de junho de 2025.

DE SOUSA, Christian Gustavo. *Retratos Pornossexualigráficos: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s][x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte* / Christian



Gustavo de Sousa. 2022. 314 f. **Dissertação** (mestrado) Orientadora: Mônica Zielinsky. Coorientador: Leandro Colling. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

LOEB, Angela Varela. *Os Bólides do programa ambiental de Hélio Oiticica*. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 48–77, 2011. DOI: [10.1590/S1678-53202011000100004](https://doi.org/10.1590/S1678-53202011000100004). Disponível em: <https://revistas.usp.br/ars/article/view/3097>. Acesso em: 7 jun. 2025.

OITICICA, Hélio. Sem título (texto no catálogo da exposição na Whitechapel Gallery). In: *Whitechapel Experience: catalogue*. London: Whitechapel Gallery, 1969. Catálogo de Exposição de Hélio Oiticica.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SOUSA, Christian de. *La Lito: a cama pornossexualigráfica construindo conexões e outras performatividades*. In: ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO 2023, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/la-lito-a-cama-pornossexualigrafica-construindo-conexoes-e-outras-performativida?lang=pt-br>. Acesso em: 15 Jun. 2025.

VARELA, Angela. *Um percurso nos Bólides de Hélio Oiticica*. 2009. **Dissertação** (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. A dissertação está disponível no Banco Digital de Teses e Dissertações da USP: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-30102009-172944>.

## Notas

<sup>1</sup> Designer gráfico. Artista visual. Fotógrafo. Doutorando em Artes (PPGArtes/UERJ). Mestre em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS). Especialista em Artes Visuais - Cultura Criação (SENAC/DF). Bacharel em Relações Internacionais (UnB). Editor-chefe da [pós]CORPOS. Membro do coletivo Ars Sexualis. Membro do dueto artístico DUOCU. Membro dos Grupos Temporalidades inconciliáveis; Juvenália; NUDE; CLACSO; e NuCuS). <http://lattes.cnpq.br/6650904413144690>. <https://orcid.org/0000-0003-3647-6986>.

<sup>2</sup> A versão de 2009 é a dissertação de mestrado; e a de 2011, um extrato da dissertação em forma de artigo publicado na revista Ars.

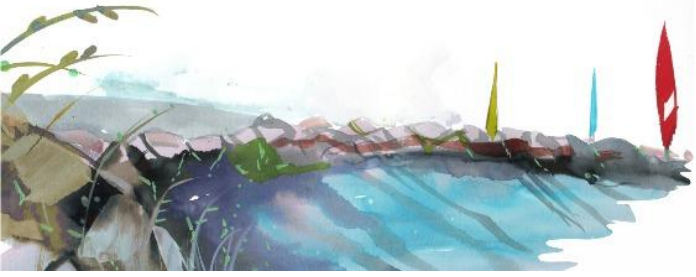
<sup>3</sup> Sobre esta relação erótico-pornográfico, sugiro a leitura do artigo *A única coisa que difere pornografia de erótico é a grafia. E claro, a nossa opinião. Alguns apontamentos para as artes das sexualidades*, publicado em 20024, na revista REBEH. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16063>.

<sup>4</sup> Sobre isto, sugiro a leitura das páginas 26-27 da minha dissertação de mestrado *Retratos pornossexualigráficos: as histórias contadas pelas sujeitas de [r]e[s]istências no romper anti-higiênico com o cis-tema de arte* (2022). Disponível em [https://drive.google.com/file/d/1oYT6wrHJO6jk867LZ\\_JmrCbFUZmNGOAI/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1oYT6wrHJO6jk867LZ_JmrCbFUZmNGOAI/view?usp=sharing).

<sup>5</sup> Sobre a questão da experiência pornossexualigráfica, tenho trabalhado sobre ela atualmente na minha tese de doutoramento.

<sup>6</sup> São o B50 *Bólido-saco 2 “Olfático”*, o B51 *Bólido-saco 3 “O tato saco-poema 1: contato/ do vivo/ morto”* e o B52 *Bólido-saco 4 “O corpo” ou “Adaptável” saco poema 2: teu amor/ eu guardo aqui* que compõe a Trilogia do suprasensorial. No entanto, neste âmbito “em que se evidencia a expansão da arte para o comportamento geral dos indivíduos, os Bólides passam de “objetos” a espaços vivenciais abertos, nos quais as possibilidades são múltiplas e não direcionadas pelo artista” (Varela, 2009, 99), podemos inserir o *Bólido-cama 1*.

<sup>7</sup> Para não estender demais este artigo, não trarei todos os aspectos do *Bólido-cama 1* aqui. No entanto, recomendo a leitura das páginas 100 a 105 da dissertação de mestrado de Angela Varela. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-30102009-172944>. Nesta, a pesquisadora apresenta, entre outras coisas, a forma como o *Bólido-cama 1* entrelaça duas ideias de H.O.: a de “primitividade construtiva popular” e a de “recinto-proposição”.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

<sup>8</sup> Ver em <https://photos.app.goo.gl/bLoQwszdLPMoZTmu5>.

<sup>9</sup> Escrevo sobre esta fase do meu mestrado no artigo *E a mim foi dito: você não é artista*, publicado nos Anais do VI Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: des-obediencia. Disponível em: <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/50767-2023-vi-sipacv>.

<sup>10</sup> Ver em <https://photos.app.goo.gl/3tHgMskju2J4ThKdA>.

<sup>11</sup> A exposição teve curadoria de Elton Panamby e foi realizada na Pinacoteca Barão de Santo Angelo, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no mesmo espaço onde outra obra minha havia sido censurada alguns meses antes e na mesma instituição onde as violências que trago no texto surgiram.

<sup>12</sup> Trago algumas informações sobre as monotipias e o livro de artista nos seguintes textos: <https://www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpap-vidas-421945/835529-voce-nao-e-artista-06--um-livro-de-artista-em-construcao/> e <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/p/50767-2023-vi-sipacv>. E também nas vídeoperformances <https://onnowplay.com/doctorred/videos/monotipias-de-porra> e <https://onnowplay.com/doctorred/videos/livro-de-artista>.

<sup>13</sup> A Cama Pornossexualigráfica surge como um contraponto à cama farmacopornográfica apresentada por Paul B. Preciado no livro *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia* (2020). Sobre este debate, sugiro a leitura do meu artigo *La Lito: a cama pornossexualigráfica construindo conexões e outras performatividades*. Disponível em <https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/la-lito-a-cama-pornossexualigrafica-construindo-conexoes-e-outras-performativida?lang=pt-br#>.

<sup>14</sup> Tradução feita por Angela Varela, em sua dissertação, do texto original: "This 'wake-up' process is a supra-sensorial one: the participator is shifted off his habitual field to a strange one that wakes up his intenal fields of feeling and gives him conscience of some área of his Ego, where true values affirm themselves. If this not happens, the participation has not taken place" (Varela, 2009, 102).

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/reel/DH-ntZCuKF5/?igsh=MWh3dXlxNHvhenhkaA==>. Acesso em 15 de junho de 2025.